



Entre as juntas dos ossos

poesias



LITERATURA
PARA TODOS

Vera Lúcia de Oliveira

Entre as juntas dos ossos

I Concurso Literatura para Todos

Consultora Pedagógica

Ira Maciel

Comissão de Pré-seleção das Obras

Cristiane Costa

Heitor Ferraz Mello

Júlio César Valladão Diniz

Maria da Luz Pinheiro de Cristo

Comissão Julgadora

Antônio Torres

Heloisa Jahn

Jane Paiva

Lígia Cademartori

Magda Soares

Marcelino Freire

Milton Hatoum

Moacyr Scliar

Rubens Figueiredo

Ministério da Educação

Esplanada dos Ministérios
Bloco L – 7º andar – Sala 710
literaturaparatodos@mec.gov.br
www.mec.gov.br

Entre as juntas dos ossos

poesias

Vera Lúcia de Oliveira

1ª Edição

Brasília – 2006



**LITERATURA
PARA TODOS**

Título original: Entre as juntas dos ossos

Autora: Vera Lúcia de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O48 Oliveira, Vera Lúcia de.
 Entre a junta dos ossos / Vera Lúcia de Oliveira. – Brasília :
 Ministério da Educação, 2006.

72 p. : il. ; 18 cm. -- (Coleção literatura para todos ; v. 5)

ISBN: 85-296-0047-9

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.1

CDU 821.134.3(81)-1

Ano 2006

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros sem autorização prévia por escrito do Ministério da Educação ou da autora.

Índice

Apresentação	10
Prefácio	12
meninas	15
para dentro	16
o olho	17
infância	18
dedicatória	19
o rego (I)	20
o rego (II)	21
bicicletinhas na tarde	23
até o fundo	24
aprendi o vento	25
tormenta	27
aqui não são	28
o que carrega	29
acalento agreste	30
vigia	31
os pássaros	33
memória	34
a noite	35
as gabiobas	36
quase	37
ferrolhos	38

revés	39
meu corpo é sempre	41
o noturno	42
nem só de vento	43
sem exumação	44
rastros	45
sempre	47
paisagem	48
a boneca	49
vozes	50

nem sempre	51
lúcida	52
a culpa	53
a cicatriz	54
chama	55
os amantes	56
a lama	57
pelo fogo da fala	59
onde	60
Entrevista com a autora	62

Carta ao leitor

Caras leitoras e caros leitores,

É com enorme satisfação que apresento a Coleção Literatura para Todos, pensada e escrita especificamente para vocês, alunos e alunas do Programa Brasil Alfabetizado e alunos e alunas que estão dando continuidade a seus estudos nas salas de aula de educação de jovens e adultos.

Esta coleção, composta por dez livros – poesia, conto, novela, crônica, tradição oral, biografia e peça teatral –, é fruto de um concurso nacional lançado em 2005 pelo Ministério da Educação. As obras foram escolhidas entre os mais de dois mil textos submetidos à comissão julgadora. Muitas pessoas foram envolvidas no processo de criação, o que representou um verdadeiro mutirão, um esforço coletivo. Mas quais os motivos que levaram o Ministério a realizar o Concurso Literatura para Todos e agora lançar a Coleção Literatura para Todos?

A primeira resposta é dada pelo próprio título do concurso e da coleção – Literatura para Todos. O Ministério acredita que o acesso ao livro e à leitura é um direito de todos. Nós todos temos o direito de ler e ter acesso

a livros da mesma forma que a Constituição Federal nos garante o direito à educação. Por isso, em 2003, o governo criou o Programa Brasil Alfabetizado, para garantir, aos jovens e adultos que nunca tiveram esse direito, a oportunidade de aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas básicas.

Acima de tudo, o Ministério foi motivado por acreditar que o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens. A leitura nos permite entender melhor o mundo a nossa volta e conhecer melhor também quem somos nós. Por meio da leitura, ganhamos acesso a outras informações e novos conhecimentos.

A Coleção Literatura para Todos visa, assim, oferecer um conjunto de livros, produzido com muito carinho e zelo, que proporcionará a vocês leitores um grande prazer – o prazer de ler, de viajar, de criar e de fazer parte de uma nova comunidade: a de leitores. Pelo menos, é assim que esperamos. Brasil, país de todos – Brasil, comunidade de leitores!

Prefácio

Com quantas coisas se faz um poema? Com palavras, ritmo, cor – e um assunto. “Fui gerando meu pisado vagaroso/nas fraturas das coisas”. Nesses dois versos, Vera Lúcia de Oliveira diz muito sobre seu jeito de fazer poesia: lento, buscando a matéria do poema na ruptura da superfície lisa da realidade.

Para a autora de *Entre as juntas dos ossos*, as coisas se fraturam porque são percebidas em muitas dimensões, às vezes até contraditórias. Seus poemas procuram dar conta de todas as vidas presentes na memória: tudo o que foi vivido e perdido, e mesmo assim conservado. Eles querem dar conta do sentimento do que se foi e que ao mesmo tempo é definitivo.

Desse lugar de onde se avista tudo, a percepção da poeta vê de igual distância o mundo das coisas presentes e o das que nunca passaram. Visto dali, o cotidiano se desconstrói e seus elementos se transformam num sentimento de espanto, parecendo denunciar a existência de uma realidade notável logo

abaixo da superfície do trivial e que se deixa ver justamente nos elementos mais banais oferecidos à percepção.

Esses poemas graves, que anunciam e esmiúçam o mistério da perenidade do vivido, buscam as palavras exatas para dizê-lo, e com elas – com o instrumento delicado da exatidão – se desdobram em imagens que, embora incisivas, surpreendem por sua fluidez.

O jogo entre as palavras duras e as imagens muito fluidas se estabelece graças à fina inteligência poética com que a autora constrói sua poesia. Uma síntese pontuada por cortes, mas ao mesmo tempo segura e clara, que faz com que o poema percorra os territórios do que é impossível dizer para dizê-lo mesmo assim, sempre com a qualidade de surpresa que instala o bom poema na mente do leitor, ao lado de sua memória das coisas vividas.

Heloisa Jahn

Comissão Julgadora

I Concurso Literatura para Todos



meninas

as meninas que da alma pulam
brincam de esticar
o tempo

com suas saias rodadas
dançam a canção mais pura
que aprenderam
correndo
entre as juntas dos ossos.

para dentro

como águas que jorram
para dentro

dei para pisar
o rangido dos ventos

dei para virar
em volta dos passos

dei para lavar a veia
em que piso

dei para revolver
os ossos

o olho

o olho do escuro
tem pestanas frescas
escuto o piscar doído
o assombro da pupila
vasta
varrendo miados
frufus de vento
tropeço de alguma estrela
no céu
conversas planas de postes
mascando nacos de noite

infância

perdi-me em funduras de juntas
perdi bichos nas moitas, rastros no escuro
perdi mormaços, brisas
fui gerando meu pisado vagaroso
nas fraturas das coisas

dedicatória

aos pingos
que tramam contra a maré
aos pingos que batem
nos vidros
e se trincam sem ruído
aos pingos como
leves
sulcos
com só no bojo
o instante do vinco

o rego (I)

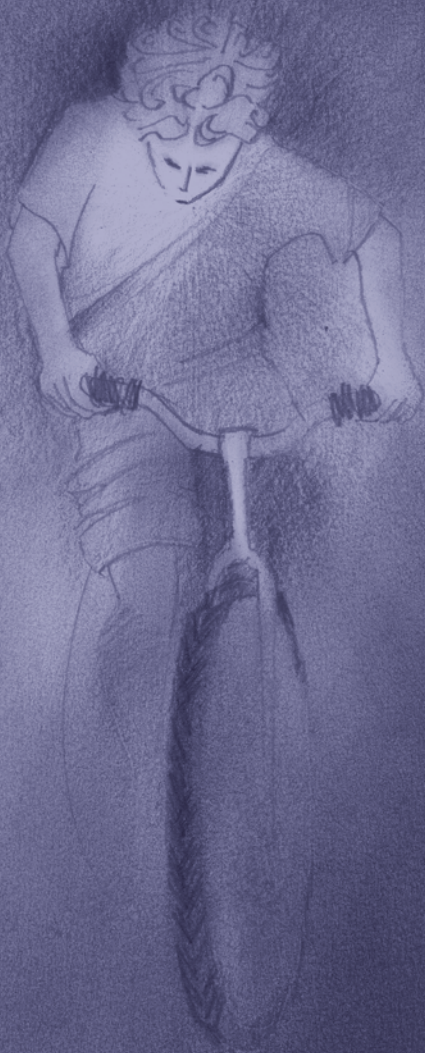
fui aos poucos
tirando as cascas
do osso
derrubando muralhas
de artelhos

fui como um rego
subterrâneo
no seu trato
com o solo
na sua aderência
aos escolhos

o rego (II)

fui como rego d'água
caminhando na terra
ferindo-me nas pedras
doendo-me nas valas

fui repartindo-me
entre raízes galhos
atolando-me nos rasos
macerando-me nos falhos



bicicletinhas na tarde

debruçada na tarde
vejo crianças na fúria
de fabricar voragens de vento
estralam seus pedais
correm mais do que a dor
mais do que o tempo
correm contra a dureza
do muro
e da noite

até o fundo

eu cavoucava o barulhinho
das coisas
eu cutucava pedras
eu machucava a terra
eu revolia os veios
dos troncos
eu escavava até o fundo
a mudez de um junco

aprendi o vento

aprendi o vento nas traves doendo
aprendi no escuro das traves
aprendi nas telhas
moendo seu sopro
aprendi como um bicho
aprende o uivo
de outro bicho
como a viga
o estalido
de outra viga



tempesta

o mar arremessava-se
contra o céu
a espuma rangia
e uns bicos de aves doídas
batiam na alma
batiam na alma

aqui não são

aqui não são músculos de tijolo
aqui já a porta estrala
como de vértebras
aqui as tesouras cortam
os cabelos da casa
aparam as unhas dos mortos
aqui os passos têm fome
aqui a porta bate
cortando no meio a noite
aqui as paredes abrigam
ouvidos de carne

o que carrega

o que carrega a seiva
que seu musgo de úmido
do seu escuro de bosque
do meu sangue no úmido
do meu corpo no escuro
do meu olho no fundo
do seu nome

acalento agreste

embalar os rombos do tempo
embalar as olheiras nos troncos
embalar as touceiras de grama
embalar os barrancos

vigia

esse junho de vigia
esse junho ventoso que escorraça
portas

esse junho inventado pelo tic
do ponteiro
esse junho atracado
ao miolo da espinha



os pássaros

os pássaros de pedra dilatam as oferendas
os pássaros de carne batem-se contra as grades
os pássaros de lata arrulham nas ferrovias dos nervos
os pássaros de madeira mascam o macio dos músculos
os pássaros de papel voam para dentro das crases
os pássaros de carvão rabiscam suas asas no ventre
os pássaros de fogo puxam os pássaros de chuva
os pássaros de pano acalentam os pássaros de pranto

memória

abundância de rastros
que não se cancelam
fascinados pelo assombro
de atravessar as esperas
com seus passos absortos
subindo pelas artérias
em busca de outro corpo

a noite

o abajur o relógio o guarda roupa
a janela a lâmpada a roupa
na cadeira os chinelos o cachecol
o penico embaixo da cama o tapete
o penhoar o colar de pérolas o anel
a prata da luz da lua na parede
o rangido das traças no assoalho
o ronco de um vizinho o latido
de um cachorro o miado de um
gato vadio o canto de um galo
o barulho do entregador de jornal

as gabiobas

em nosso peito, pai, mora o frescor das gabiobas
amontoadas em sacos escuros de onde saíam folhas
de alguma floresta escura que penetravas sozinho
o cheiro enchia a cozinha a mãe corria para
apanhar as vasilhas os cachorros latiam sua sombra
nós espremíamos o sumo nos dentes e a penumbra
pairava nos bagos dos bosques açucarados

quase

quase não dormia
na noite
em que o tambor
das coisas
pulsava
nos tímpanos

quase mudava de pêlo
respirava um cabelo
um rangido
palpava no miolo
a substância
de um ponteiro
a densidade
de um gemido

ferrolhos

de uma cidade vim
que mora dentro de mim
nasci madura no dentro
de mãe serenando vento
num branco de madrugada
rasgado de trovoada
e vária, larga de olho
a cutucar os ferrolhos

revés

caminhava pelo revés
dizia que o chão era duro, que as pedras
feriam sua sombra, que o vento rangia a voz
por dentro de uma menina em surdina, que
descalça quanto mais pisava mais caía dentro
do seu próprio sentido



meu corpo é sempre

meu corpo é sempre
do mesmo tamanho
minha alma é que carrega
o ofício de engordar
as sombras
de esticar os membros
postigos
que ao corpo vai juntando
sem que o volume da forma
avulte junto com a roupa
sem que a sombra no chão
note a desproporção

o noturno

madrugada azulada
como um sangue
de veia em veia
de casa em casa
o noturno
com seu silvo
vai rasgando
a cidade

nem só de vento

nem só de vento ou de ar
podem pulsar as sacadas
mas de areia de quintais
de luz de chofre nas grades
de ponta para os rangidos
de terra nos dentes da tarde
de penumbra de beirais
na ardência dos latidos

sem exumação

os rostos que voltam
sem exumação
pairam dilatados
na casa

traçam seus perfis
nas paredes
palpam seus vazios
com fervor imaterial

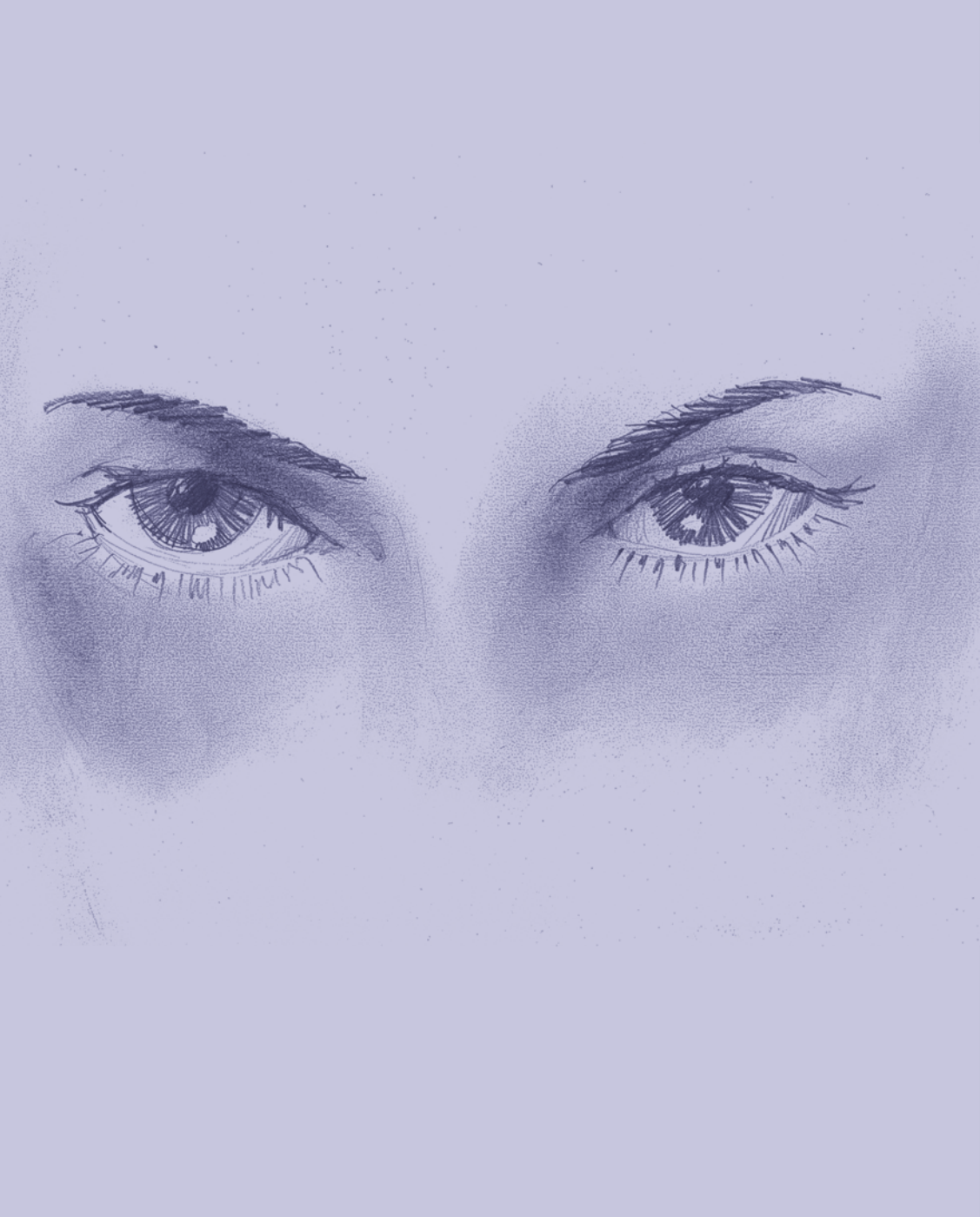
galopam nuvens e ventos
na esperança
de que o crepitar
das vigas
reabra as feridas

rastros

não se desmembra
pisado de sombra
como pisado de corpo

o primeiro porque de leve
esquiva o esquecimento
o segundo porque de mágoa
não se desgruda da escada

o primeiro porque de fugaz
vaga latente na aragem
o outro porque de minério
(osso pêlos cartilagens)
crava nos vãos dos degraus
o latejar das falanges



sempre

fui sempre
de percorrer na carne
 o puído dos vãos
sempre de pôr o pé
 na intimidade
 das veias
sempre de lavar
 os dias mais
 ferozes
 para que doendo
 amanssem a morte

paisagem

solidão de morros
solidão de tetos mudos
solidão congênita de estradas
um cão manco um passante
apressado
uma touceira
um muro
uma calçada

a boneca

toda ternura está numa boneca
que o tempo não cancelou
ficou entalada nalguma fresta
de segundo entre um natal e um luto
com sua roupinha feita à mão
já puída, lavada pelas chuvas
cabelos crespos de menina
coração de pano que batia
como um coração de verdade

VOZES

vozes na tarde porosas
penas de pássaros
sopradas enfiam-se
por frinchas escavam
nichos nos vãos
abrigam veias vagas
surdos corpos de som

nem sempre

nem sempre o verão brotava
das parreiras
ardentes
inventavas o tempo mastigando
relógios doentes
e adoceastes

depois foi fácil partir
voltar de costas pro vento
crescer para dentro dos teus
quintais de pavor e silêncio

lúcida

tijolo por tijolo reconstrói
o torto do seu ser sem luz

se apalpa o morto é para
aprender constância
se na noite esfrega ouvidos
é para acordar a alma
(quer o fragor
do olho esfacelado
no momento x)

lúcida que esfalfa
o escuro
 até do côncavo gosta
 do cristal do raio
 quando parte a porta
 e come a si mesmo

a culpa

o que é
a culpa?

senão a mão que
não existe mais
aguilhoando
o mesmo cão

senão o olho desse cão
que não existe
abocanhando
a mesma mão

a cicatriz

muita ferida posso
quer no amor quer no ódio
desatrelo freios
monto muito muro
divisório

reconstruo a cicatriz
como um arco romano
que nem o tempo
corrói

chama

a chama crepita
ardência ou olho assolador

fiapo que escapou
das mãos de Deus
antes de ter sido modelado
antes de ter recebido
pendor à introspecção
e à síntese

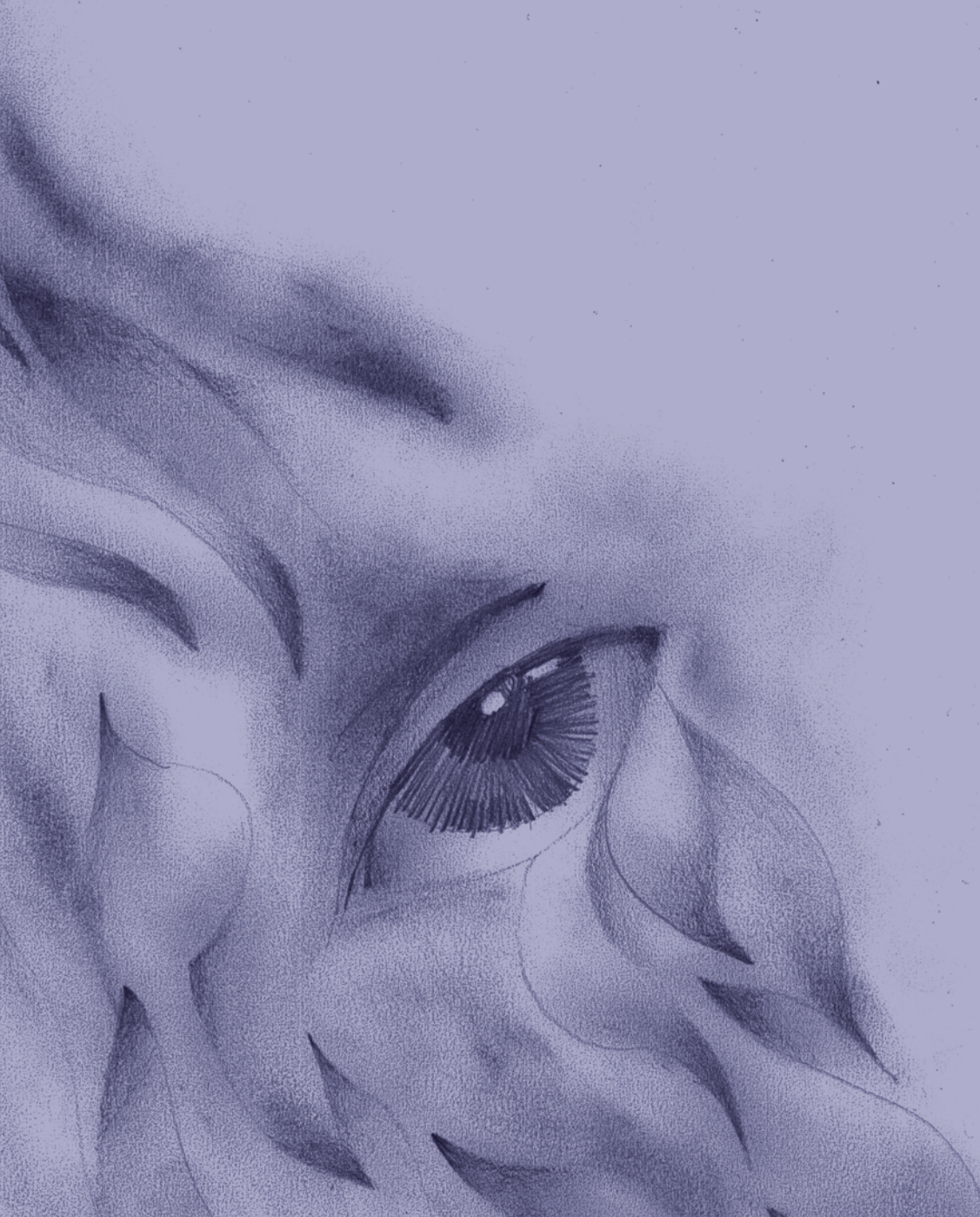
os amantes

estão na garganta da hora
estão entalados no tempo
estão no caroço da aurora
estão no coração do vento

a lama

a lama de que brotou o osso
a lama de casa própria
pegadiça e lenta
a lama
de fundo de quintal
a lama de chuva fina
(ancoradouro
de enxurradas)

a lama por onde deflui
a essência do nosso sangue
a lama onde roça
o nosso pisado
a lama de que se molda
a substância
do cordão umbilical



pelo fogo da fala

pelo fogo das palavras
pela sarça ardente das palavras
pisando por rugas de telhas
enquanto o coração crescia

pelo fogo da fala
pelo pavio secreto da língua
pela fagulha ardente
crescia meu coração
como crescem as folhas
que o vento arrasta no ardor da combustão

onde

onde vou buscar as areias
onde vou buscar o barulho
do branco no sol
a palavra do branco
e seu avesso
onde vou buscar as pegadas
no branco
os ossos moídos no branco
os cemitérios brancos

Desde quando você começou a gostar de ler?

VERA – Acho que já gostava, mesmo antes de ter aprendido a ler. Em casa quase não havia livros. Eu me tornei o terror de todos os primos porque vivia buscando desesperadamente algo para ler, e o que achava eram os gibis que eles, a muito custo, conseguiam e que depois trocavam com os amigos. Li dezenas de vezes alguns livros, como *Meu pé de laranja lima*, do José Mauro de Vasconcelos, que acompanhou toda minha infância.

Quais autores marcaram sua infância e adolescência?

VERA – José de Alencar, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Guimarães Rosa foram os brasileiros. Não tardei em descobrir a literatura portuguesa, a francesa, a norte-americana e a russa, sobretudo Tolstoi, Tchekhov e Dostoiévski, escritores que me marcaram profundamente.

Como você começou a escrever?

VERA – Comecei escrevendo um diário e pe-

quenas histórias que ia inventando. O encontro com os versos foi mais tarde, em minha opinião porque nossas escolas dedicam bem pouco espaço à poesia. Eu escrevia e inventava muitas histórias, as pessoas que encontrava despertavam minha fantasia, pois imaginava como viviam, o que pensavam, o que sentiam.

Que lugar a leitura ocupa em sua vida?

VERA – Ler é viajar, é viver mais intensamente, viver em dobro. Porque além da vida que está dentro de nós, há a vida que estamos seguindo nas páginas de um livro. Vamos ficando mais conscientes pela leitura, acho que até mais intensos e belos. Ler significa ver, abrir-se ao mundo, ter curiosidade e interesse por tudo.

Além de escrever, o que você também gosta de fazer?

VERA – Dou aulas na Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras de Lecce, na Itália, onde moro. Ser professora me dá um prazer enorme. Também adoro trabalhar como tradutora e já traduzi vários poetas. E fui intérprete em vários eventos, entre os quais a Copa do Mundo de 1990, na qual trabalhei com a seleção brasileira.

Leitura e cidadania

A leitura torna mais vasto o mundo de quem lê. Também desperta a sua imaginação e você ganha condições de aprender e desenvolver seu senso crítico e cultural. Quanto mais livros você ler, mais aumenta o prazer de ler, mais alegrias você terá com a leitura. Com isso, todos ganham, você, a sua família, a sua comunidade e a sociedade em que você vive.

Pelo Brasil afora, muita gente tem trabalhado para estimular a prática e o acesso ao livro e à leitura. Projetos, programas e ações que envolvem todos: governos, universidades, escolas, empresas, ONGs e os cidadãos. Todas as propostas fazem parte do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, do Ministério da Cultura. Um dos objetivos desse empreendimento é fazer funcionar bibliotecas públicas em todos os municípios brasileiros.

É na biblioteca que você vai encontrar apoio para seu desenvolvimento pessoal e educação formal. Além disso, nesse espaço você vai poder conhecer sobre a herança cultural do seu povo, vai ter a oportunidade de

tomar apreço pelas artes e pelas realizações da humanidade.

Visite uma biblioteca, pergunte ao bibliotecário como é que ela funciona e como você pode ter livros emprestados. A biblioteca pública é de todos e para todos.

Mais informações sobre esta obra

Os versos de *Entre as junturas dos ossos* conduzem às recordações mais íntimas do leitor. O traço do artista Ribamar Fonseca retratou o ponto de vista de quem observa o mundo e a si próprio através destes poemas.

Os desenhos foram feitos com lápis de grafite sobre papel. Depois de prontos, foram digitalizados e receberam tratamento no computador para manter a percepção da interferência gestual, do traço do artista.

Os desenhos registram momentos, cenas reveladas entre os versos, como fotografias. Os pedais da meninice e a intimidade com um bando de pássaros. A sensualidade de um vôo e das sombras femininas. A profundidade e também a ardência de olhares. Mas é nos poemas que o leitor alcançará uma percepção muito maior e mais rica dessas imagens.

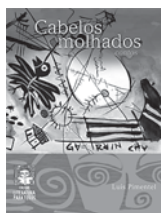
Outros livros desta coleção



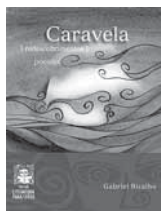
Poesias



Tradição oral



Contos



Poesias



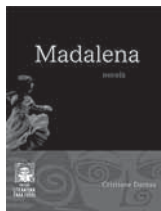
Contos



Teatro



Biografia



Novela



Crônicas

Produção gráfica e editorial

SUPERNOVA PROJETOS EDITORIAIS

Coordenação de produção

Cristina Guimarães

cristina@supernovadesign.com.br

Projeto gráfico e capa

Ribamar Fonseca

ribamar@supernovadesign.com.br

Projeto editorial, edição e revisão do texto

Alessandro Mendes e Iara Vidal

alessandro@azimutecomunicacao.com.br

iara@azimutecomunicacao.com.br

Ilustrações

Ribamar Fonseca

Editoração eletrônica

Fernando Alves

fernando@supernovadesign.com.br

Auxiliar de produção

Adriana Mattos

adriana@supernovadesign.com.br

O papel da capa é o Duo Design 240g/m² e o papel do miolo é o Pólen bold 90 g/m². A fonte de texto é a Versailles, corpo 11,5 pt, projetada por Adrian Frutiger em 1984, serifada, baseada nos tipos franceses desenhados no século 19.

Impresso pela Gráfica e Editora Brasil para o Ministério da Educação em novembro de 2006.

o que é
a culpa?

senão a mão que
não existe mais
aguilhoando
o mesmo cão

senão o olho desse cão
que não existe
abocanhando
a mesma mão

Ministério
da Educação



ISBN 85-296-0047-9



9 788529 600475



LITERATURA
PARA TODOS